



Cira Arqueologia

N.º 7





Cira Arqueologia

N.º **7**

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente Alberto Mesquita

PELOURO DA CULTURA

Vereadora Manuela Ralha

COORDENAÇÃO GERAL

Departamento de Cultura e Turismo
Divisão de Cultura Museus e Património Histórico
Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira-CEAX

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Divisão de Cultura Museus e Património Histórico
Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira-CEAX
João Pimenta

TEXTOS

Ana Margarida Arruda
António Marques
Cristina Nozes
David Gonçalves
Elisa de Sousa
Henrique Mendes
João Pimenta
José Pedro Henriques
Inês Conde
Inês Morais Viegas
Manuela Ralha
Margarida Rodrigues
Nuno Ferreira
Rodrigo Banha da Silva
Tânia Casimiro.

REVISÃO DE TEXTOS

João Pimenta
Inês Conde

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM
Tiago Nunes

TIRAGEM

200 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

Dezembro 2019

CAPA

Fotografia aérea Monte dos Castelinhos - Urbanismo de época Augustana:
fotografia João Machado

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores

ISSN

2183069X

DEPÓSITO LEGAL

468560/20

Apresentação - Vereadora da Cultura	5
1	6
O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo	
JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES, ELISA DE SOUSA, ANA MARGARIDA ARRUDA	
2	32
A cerâmica cinzenta de Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos, Portugal)	
MARGARIDA RODRIGUES, JOÃO PIMENTA, ELISA DE SOUSA, HENRIQUE MENDES, ANA MARGARIDA ARRUDA	
3	58
As dinâmicas de povoamento romano em torno de Monte dos Castelinhos: I - O sítio de Quinta de Meca	
JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES, INÊS CONDE, NUNO FERREIRA	
4	92
Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> – um projeto sem fronteiras	
ANTÓNIO MARQUES, CRISTINA NOZES, INÊS MORAIS VIEGAS	
5	110
A Intervenção arqueológica do Centro de Saúde de Alhandra: espaço de culto e morte no século XVIII	
HENRIQUE MENDES, DAVID GONÇALVES, JOÃO PIMENTA	
6	230
Materialidades quotidianas de Idade Moderna em Alhandra. Os contextos arqueológicos da escavação do Centro de Saúde	
TÂNIA MANUEL CASIMIRO	
7	244
Cerâmica oriental em Alhandra. Objectos da escavação do Centro de Saúde	
JOSÉ PEDRO HENRIQUES, TÂNIA MANUEL CASIMIRO	
8	252
Cachimbo de cerâmica provenientes da escavação do Centro de Saúde de Alhandra	
JOÃO PIMENTA, RODRIGO BANHA DA SILVA	

Campo Arqueológico
de Monte dos
Castelinhos 2018.
Fotografias
João Machado
e João Pimenta



Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 280 350

E-mail: museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt
Site: www.museumunicipalvfxira.pt

Revista Cira Arqueologia n.º 7

O presente volume da Revista CIRA Arqueologia é a mais recente realização de um objetivo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira concretizado através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, a edição regular de uma revista de arqueologia.

Criada em 2012, esta publicação tem-se pautado pelo respeito de uma linha editorial coerente. Centrando-se numa primeira linha, na investigação das ocupações humanas pré-territas, sobre o território administrativo Municipal. Mas tendo presente, desde o primeiro volume, que as atuais fronteiras administrativas não existiam para períodos mais recuados, sendo necessário contextualizar de forma mais alargada. Analisando-se assim os sítios e as comunidades a uma escala mais ampla como a da península de Lisboa e Vale do Tejo.

A Revista CIRA Arqueologia tem vindo a assumir-se, como forma privilegiada de dar público conhecimento dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito das atividades do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Os sete volumes já produzidos atestam de forma eloquente a qualidade e a dinâmica do trabalho ali produzido.

Um dos papéis das autarquias portuguesas consiste no inventário e defesa do património que nelas se conserva e que herdou dos seus antepassados. O Município de Vila Franca de Xira tem na última década vindo a apostar de uma forma sustentada e consistente no conhecimento do seu passado. Prova desse empenho é a realização e atempada publicação da Carta Arqueológica do seu território, as sucessivas exposições de arqueologia patentes em diversos espaços e enquadramentos institucionais, assim como, nas sucessivas campanhas de escavações arqueológicas de investigação no sítio de Monte dos Castelinhos.

Esta publicação que muito nos apraz apresentar, é constituída por oito artigos em que participam catorze investigadores incidindo a sua temática desde a Idade do Bronze até ao século XVIII.

É de sublinhar os quatro artigos que assumem um cariz monográfico em torno dos trabalhos de escavação arqueológica conducentes à construção do Centro de Saúde de Alhandra. Obra importante para os cidadãos de Alhandra. Este espaço dedicado à Saúde, pelo qual hoje se acede de forma quase telúrica, pelo antigo portal da Ermida de São Francisco ligando-se assim o passado com a atualidade. Nestes estudos ora trazidos a público, documenta-se a pertinência que estas investigações tiveram na salvaguardar de património e de conhecimento, que de outra forma se tinha obliterado. Provando-se uma vez mais, que o CEAX não se limita a escavar e a “atrapalhar” as obras, mas antes pelo contrário que o seu trabalho é essencial para a construção de uma memória coletiva da nossa comunidade, comunidade essa de que estes ossos encontrados em Alhandra nos falam de forma tão direta e apelativa.

A VEREADORA DA CULTURA



MANUELA RALHA

➤ O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo¹

JOÃO PIMENTA

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX/ UNIVERSIDADE DE LISBOA – FACULDADE DE LETRAS – UNIAHQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA)

HENRIQUE MENDES

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX

ELISA DE SOUSA

UNIVERSIDADE DE LISBOA – FACULDADE DE LETRAS – UNIAHQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA)

ANA MARGARIDA ARRUDA

UNIVERSIDADE DE LISBOA – FACULDADE DE LETRAS – UNIAHQ (CENTRO DE ARQUEOLOGIA)

RESUMO

A colina de topo aplanado de Vale de Tijolos, em Almeirim, corresponde a uma instalação romana de tipo *villa*, sob a qual se desenvolveu uma ocupação pré e proto-histórica. O estudo dos materiais desta última evidenciou a integração do sítio no quadro regional e local da Idade do Ferro. A divulgação deste sítio e dos seus materiais torna ainda mais evidente a densidade do povoamento orientalizante da margem esquerda do curso superior do estuário do Tejo.

ABSTRACT

The flat-topped hill of Vale de Tijolos, in Almeirim, corresponds to a Roman villa under which a pre-historic and proto-historical occupation developed. The study of these latter materials shows the integration of this site within the regional and local Iron Age framework. The dissemination of the data retrieved in this site and its material culture makes even more evident the density of the Orientalizing settlement on the left bank of the upper course of the Tagus estuary.

1. Introdução

O sítio arqueológico de Vale de Tijolos, Almeirim (Figura 1), corresponde ao CNS N.º 3110 da Base de dados Endovélico, sendo conhecido, na literatura arqueológica, pelos vastos vestígios de superfície datados de época romana, ainda hoje particularmente bem visíveis e que devem corresponder a uma *Villa* e à(s) sua(s) necrópole(s) (Henriques, 1982, 1987; Quinteira, 1996, 1997).

A ampla área de dispersão dos materiais arqueológicos espalha-se pelo topo e encostas de uma colina aplanada no topo que se debruça sobre o Vale de Tijolos a nascente e sobre o pego da Rainha a norte, alcançando cerca de 7 hectares de extensão (Henriques, 1982).

As mais antigas referências ao sítio e às suas ocupações pretéritas remontam aos anos 20 do século passado. Em 23 de Fevereiro de 1923, foi publicado no *Correio da Estremadura*, um artigo intitulado “Alguns subsídios para uma monografia de Almeirim”, surgindo aí uma interessante referência à descoberta na Quinta de Vale de Tijolos do “(...) achado de um púcaro de barro com cerca de 80 moedas de prata, romanas, dos Imperadores Tito, Vespasiano, Nerva, Trajano e Adriano.” (Vasconcelos, 1923).

¹ Trabalho realizado no âmbito do Projecto FETE – Fenícios no Estuário do Tejo (PTDC/EPH-ARQ/4901/2012).

Em 1949, na sequência da realização de trabalhos agrícolas, novos materiais romanos foram recolhidos no sítio, concretamente uma ânfora completa e uma moeda do Imperador Calígula, situação descrita por Henriques, em 1987. No trabalho deste mesmo autor, referiu-se ainda que “aparecem em determinados locais vestígios de fundações” e relatou-se a destruição de um túmulo romano na sequência do alargamento da área de estacionamento existente a entrada da Quinta, junto à Estrada Nacional N.º118, o que terá acontecido na década de 80, momento em que se recolheu uma significativa colecção de materiais arqueológicos, essencialmente cerâmicos, que actualmente se encontram depositados na sede da Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.

No Museu Nacional de Arqueologia, preserva-se, sob o Código MNAE 0535, um apreciável conjunto de espólios de época romana provenientes deste sítio. Pouco sabemos sobre o contexto que deu origem a estas recolhas, desconhecendo-se quem as efectuou. Entre os materiais, porém, existe uma etiqueta, manuscrita, datada de 11 do 8 de 1964, onde se lê “Vale de Tijolo”.

Em meados dos anos noventa do século passado, António Quinteira, no âmbito da sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho (Quinteira, 1997), realizou trabalhos de prospecção em Vale de Tijolos, sítio que individualizou e definiu como *Villa*. Publicaram-se então alguns materiais, nomeadamente uma pequena, mas significativa, colecção de artefactos metálicos (Quinteira, 1997).

O Projeto de Investigação MOCRATE, Monte dos Castelinhos e a romanização do Baixo-Tejo, que dois de nós (J.P. e H.M.) levam a efeito desde há vários anos, deu origem a uma nova abordagem ao sítio e aos seus materiais, que têm vindo a ser estudados e publicados, como é o caso das marcas das ânforas (Fabião, *et al.* 2016) e da *Terra Sigillata*, sobre a qual já foi efetuada uma leitura geral (Silva, 2012). Outros estudos mais específicos foram também já divulgados (Silva, Pimenta e Mendes, 2017).

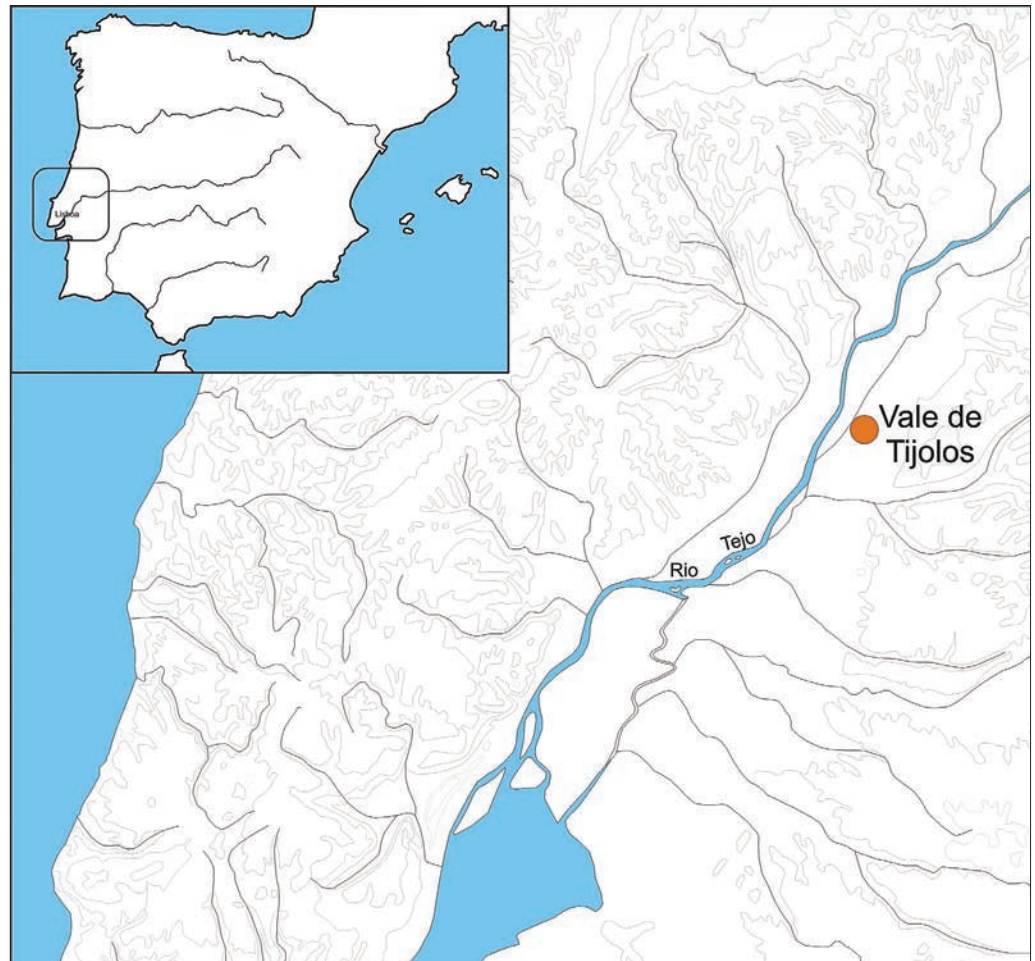
Estes trabalhos, associados à análise das cerâmicas finas, das ânforas e do conjunto de metais, que se encontra em curso, permitem consolidar a hipótese de a ocupação romana do sítio remontar aos meados do século I a.C. Estão presentes as ânforas vinárias itálicas do tipo Dressel 1, ânforas do Guadalquivir do tipo Ovóide 4 e 6, cerâmica campaniense, imitações em cerâmica cinzenta de formas de campaniense, paredes finas, etc. Entre o espólio metálico estão atestadas duas Glande *Plumbeae* e um Quinário de *Augustus* com cunhagem em Mérida (RIC I, 1a), com datação entre 25 a 23 a.C. (Guerra e Pimenta, 2013, p. 58).

No decorrer destes trabalhos, deparámo-nos com uma inesperada e até ao momento desconhecida ocupação anterior, datada de época proto-histórica, em concreto da Idade do Bronze, que algumas cerâmicas manuais e um conjunto de braceletes de bronze testemunham (Soares, *et al.*, 2015). Tendo presente estas evidências, no quadro do projecto de investigação FETE – Fenícios no Estuário do Tejo (PTDC/EPH-ARQ/4901/2012), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, voltámos ao local com o intuito de localizar e aprofundar as observações sobre essa presença proto-histórica.

Os dados recuperados no contexto de estes novos trabalhos de campo, que implicaram visitas ao local após a realização de trabalhos agrícolas, permitiram verificar que, sob a forte presença romana da *Villa* aqui existente, houve ocupações anteriores, testemunhadas por um pequeno, mas coerente espólio, que permite atestar uma ocupação da fase final da Idade do Bronze, mas também identificar uma ocupação da Idade do Ferro, que até ao momento era desconhecida, e que contribui para o estudo das dinâmicas de povoamento do Estuário do Tejo.

Figura 1

Planta de localização do sítio de Vale de Tijolos no mapa da Península Ibérica em geral e do vale do Tejo em particular.

**Figura 2**

Localização da estação de Vale de Tijolos na folha n.º 363 da Carta Militar de Portugal 1:25000.

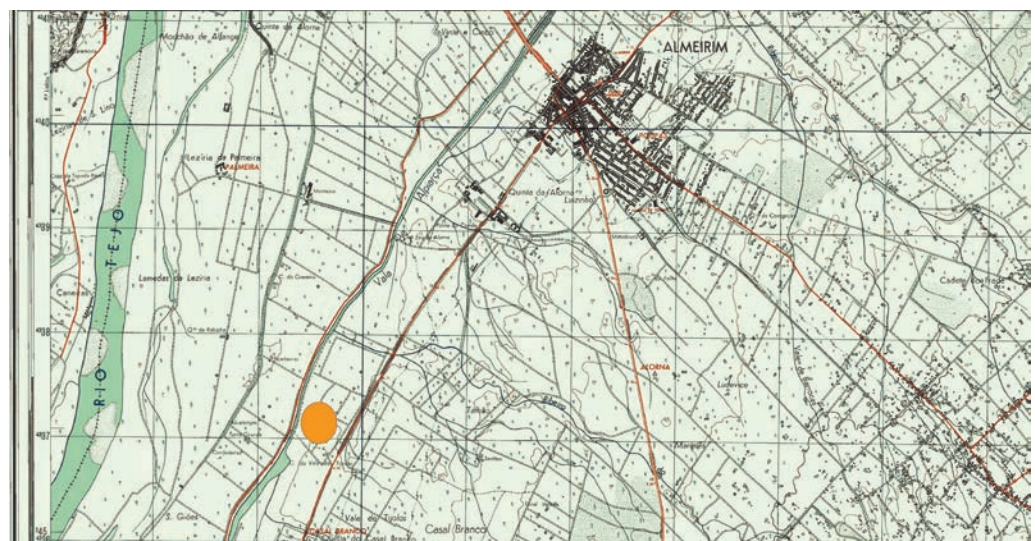
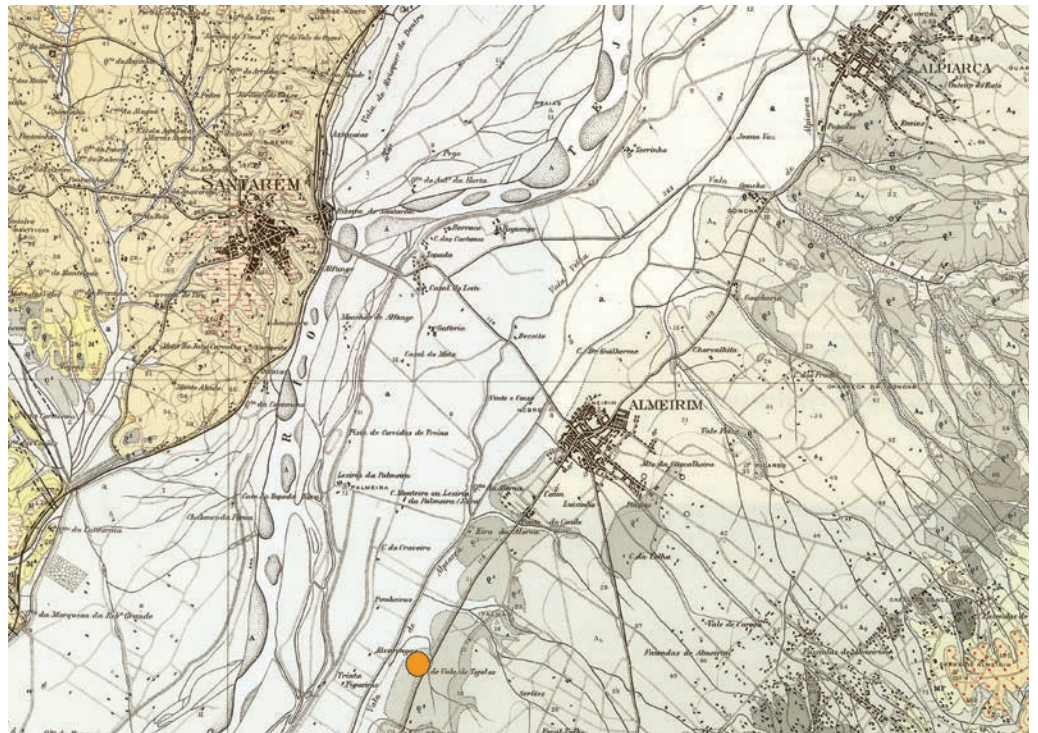


Figura 3

Localização da estação de Vale de Tijolos na folha n.º 31A Santarém, da Carta Geológica de Portugal 1:50.000.

**Figura 4**

Vista geral da implantação do sítio de Vale de Tijolos, com a alcáçova de Santarém em plano de fundo. Fotografia Henrique Mendes.



Figura 5

Terrenos de Vale de Tijolos na sequência de trabalhos agrícolas. Fotografia Henrique Mendes.



2. Os materiais

A Pré-História

Como em outros sítios da mesma região e com idêntica localização específica e implantação (Porto do Sabugueiro, Eira da Alorna, Alto dos Cacos, Cabeço da Bruxa) a ocupação humana deste lugar iniciou-se, ainda, durante a Pré-História.

Deste momento, foram recuperados dois artefactos de pedra polida (anfíbolito?), concretamente um machado e uma enxó, que podem associar-se ao Neolítico Final/Calcolítico. O primeiro, de gume em bisel, não conserva o talão, sendo uma das faces convexa e a outra plana. A enxó, completa, mas consideravelmente deteriorada, apresenta as duas faces planas e um gume assimétrico. A secção de ambos os artefactos é sub-retangular, o que permite avançar com uma cronologia calcolítica (figura 6, n.º 1 e 2).

À mesma fase podem, eventualmente, associar-se os dois elementos de mó (um dormente e um movente), ainda que o dormente de mó possa igualmente inserir-se nas tipologias deste tipo de utensílios já proto-históricas (figura 8, n.º 7 e 8).

Alguns dos vasos cerâmicos recolhidos devem igualmente corresponder a esta ocupação pré-histórica. É o caso, por exemplo, da taça de carena alta e bordo reentrante (Fig. 9, n.º 13), forma típica do Neolítico Final / Calcolítico Inicial, bem representada em quase todos os sítios desta cronologia do Sudoeste peninsular, e também da Península de Lisboa. Entre estes últimos, mencione-se, a título de exemplo, a sua presença no povoado da Espargueira - Serra das Éguas (Encarnação, 2010), em Leceia – Oeiras (Cardoso, 2007) e na Travessa das Dores (Neto, Rebelo & Cardoso 2015). Na região concreta em que se insere o sítio que agora se publica, estes mesmo materiais surgiram no Alto dos Cacos (Sousa *et*

al. 2016/2017) e na Eira da Alorna (Pimenta *et al.* 2018), ambos também em Almeirim.

Outros exemplares cerâmicos fabricados à mão devem também caber no 3º milénio a.n.e.. Falamos, concretamente da taça também com carena alta, mas de bordo recto e vertical ilustrado na Figura 9, onde tem o nº 11.

Mais complexa é a situação da taça hemisférica (Fig. 9, nº 14), que pode pertencer, indistintamente quer ao Neolítico/Calcolítico, quer à Idade do Bronze, quer ainda à Idade do Ferro.

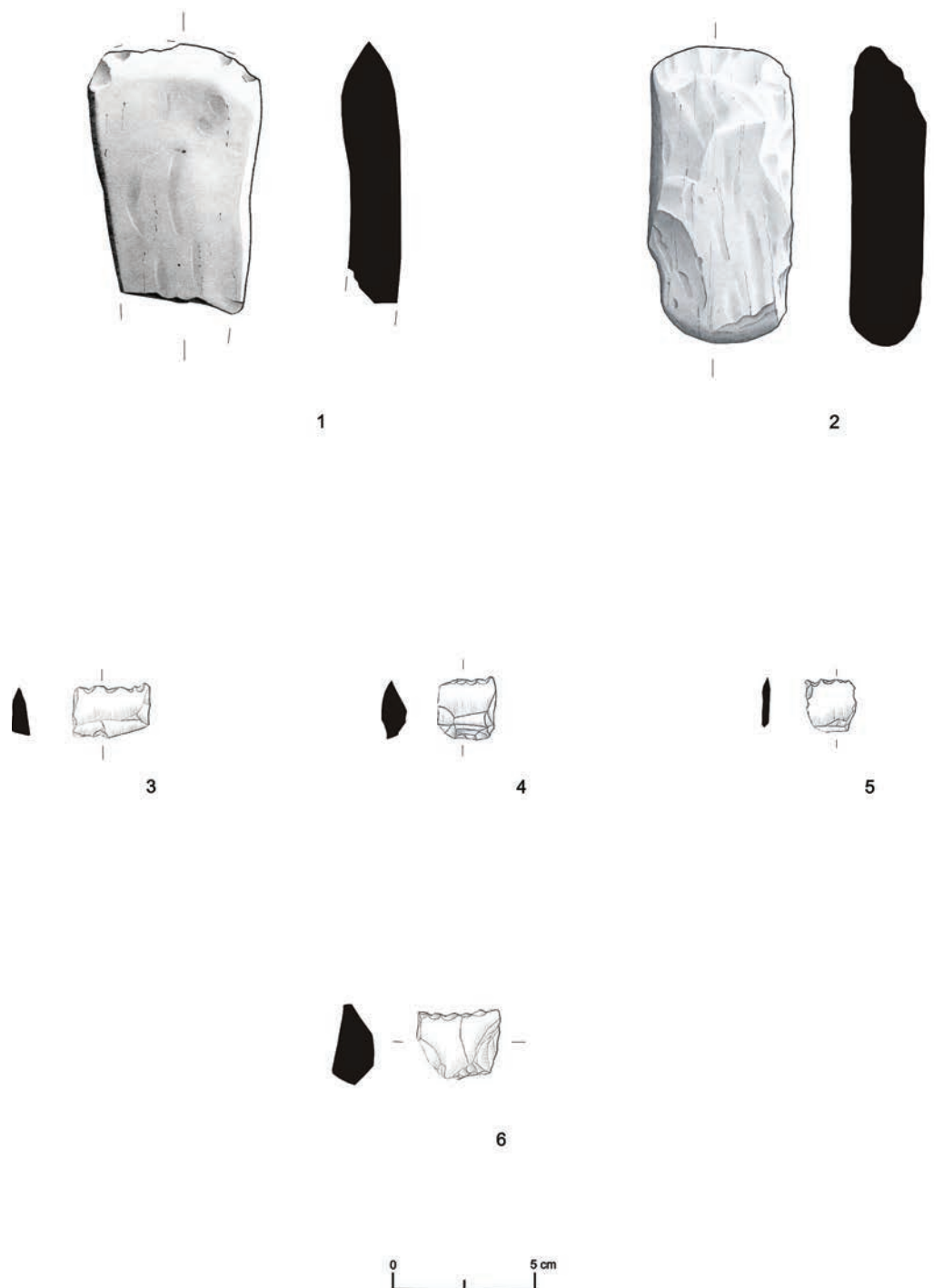


Figura 6

Peças líticas: N.º 1
enxó em anfibolito;
N.º 2 machado em
anfibolito; n.º 3 a 6
dentes de foice em
sílex. Desenhos de
Inês Conde.

Figura 7

Elementos de dente de foice em sílex com o típico brilho de cereal. Fotografia Henrique Mendes.



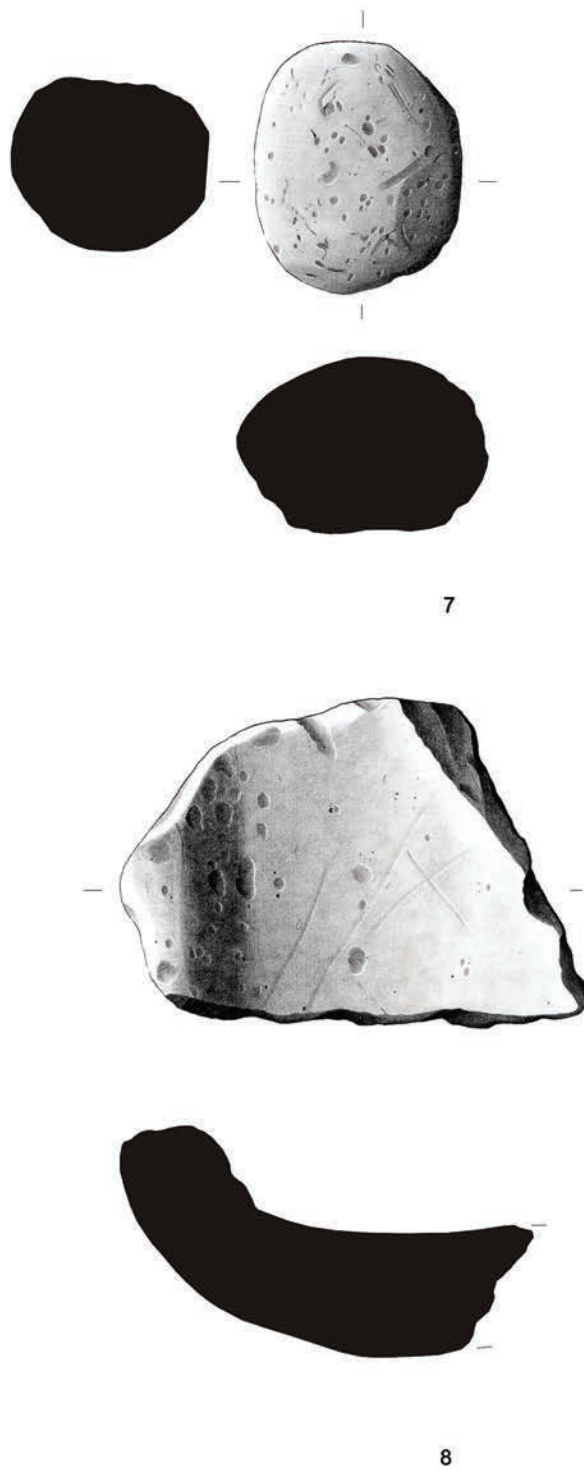
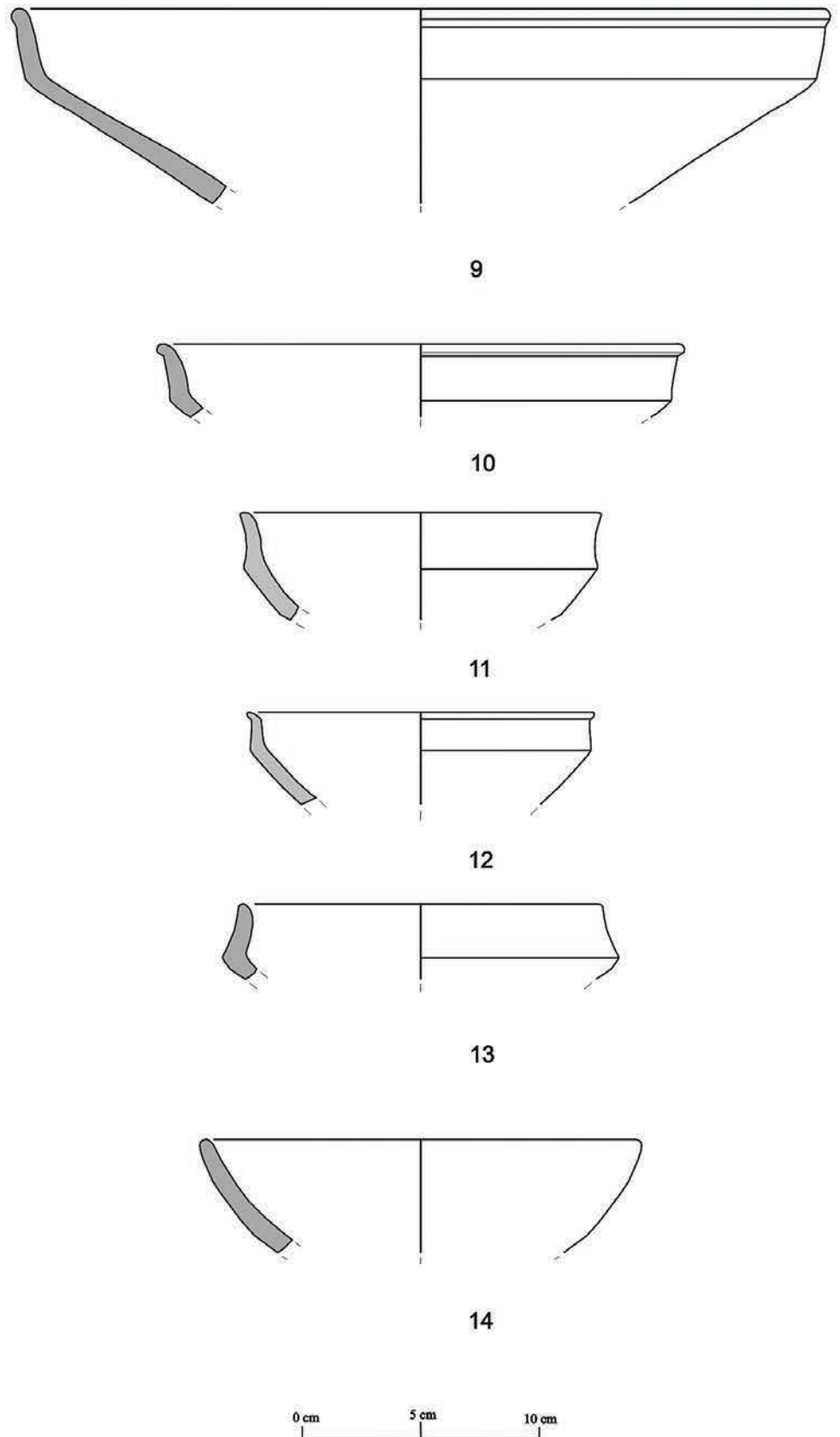


Figura 8

Peças líticas: N.º 7
movente de mó
em granito; N.º 2
dormente de mó
barquiforme em
granito. Desenhos de
Inês Conde.

Figura 9

Cerâmicas manuais.
Desenhos de Inês Conde.



A Idade do Bronze

Uma ocupação do sítio durante a fase final da Idade do Bronze pode ser defendida, mesmo que os “fosséis directores” cerâmicos deste período não se encontrem representados, de forma inequívoca, no conjunto do espólio. A ausência de cerâmica com decoração bruni-da ou de taças de carena baixa, com ou sem mamilos, deve ser realçada, até porque nos outros sítios da mesma época do concelho de Almeirim (Alto dos Cacos e Eira da Alorna) elas estão presentes.

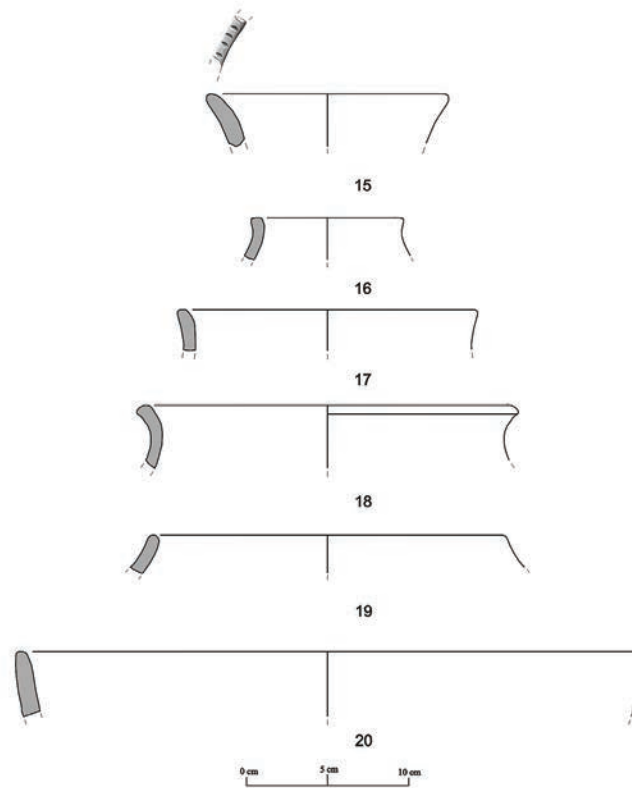
Ainda assim, alguns dos esféricos altos (Fig. 10, n.º 19 e 20), dos potes de colo curto e perfil em S, com ou sem bordo denteado (Fig. 10, n.º 15, 16 e 17), e das taças carena-das (Fig. 9, n.º 9 e 10) podem, com algumas reservas, ser integrados nesta cronologia, tal como, para as mesmas formas e idênticas reservas, foi considerado para os sítios próximos já citados. De facto, sabemos que vasos com estas mesmas morfologias podem pertencer à Idade do Ferro, recolhendo bons paralelos regionais, nomeadamente em Santarém em níveis claramente sidéricos (Arruda 1999-2000; Sousa e Arruda 2018), inclusivamente os potes que apresentam decoração denteada sobre o bordo.

Ao Bronze Final pertencem, quase seguramente, os quatro denticulados de sílex, per-tencentes a elementos de foice, que conservam ainda o característico brilho de cereal (figura 6, n.º 3 a 6 e figura 7). É um artefacto bem representado na Estremadura em sítios da segunda metade do 2.º milénio, constituindo a Tapada da Ajuda, em Lisboa (Cardoso e Silva 2004), e o Abrunheiro, em Oeiras (Cardoso 2010-2011), excelentes exemplos, sobretudo pela sua abundância (várias centenas). Outros, porém, devem ser referidos, justamente pela proximidade relativamente a Vale de Tijolos, concretamente os da Eira da Alorna (Pimenta *et al.* 2018).

Os três braceletes de bronze (um completo e dois fragmentos), de secção circular e quadrangular (Soares *et al.* 2015), devem também ser adscritos a esta ocupação proto-his-tórica (figura 11, n.º 21 a 23, e figura 12). De facto, e mesmo sabendo que estes artefactos de adorno foram ainda usados durante uma fase avançada da Idade do Ferro, como ficou evidenciado nas escavações de Chões de Alpompé (Vale de Figueira, Santarém), a verdade é que eles são especialmente conectados com o final da Idade do Bronze, em vastas áreas da Europa atlântica (Coffyn, 1985), e muito especialmente na própria região em que Vale de Tijolos se insere. Recorde-se que as necrópoles de Alpiarça, concretamente a do Mei-jão, mas também as de Tanchoal e de Cabeço da Bruxa, ofereceram pulseiras desta mesma tipologia (Marques & Andrade 1974; Kalb & Hock 1988; Vilaça, Cruz & Gonçalves 1999). As do sítio que agora se publica foram já alvo de análises químicas, que permitiram provar o seu fabrico em liga binária (cobre e estanho), sem arsénio e com adições de chumbo e ferro inexistentes e/ou insignificantes (Soares *et al.* 2015).

Figura 10

Cerâmicas manuais.
Desenhos de Inês Conde.

**Figura 11**

Braceletes em bronze.
Desenhos de Inês Conde.

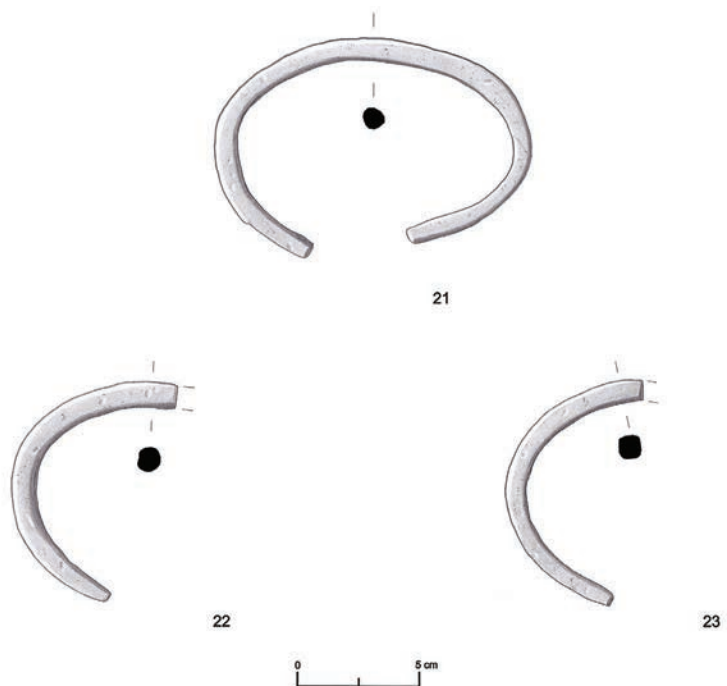


Figura 12
Braceletes em bronze.
Fotografia Henrique
Mendes.



A Idade do Ferro

A ocupação da Idade do Ferro de Vale de Tijolos está confirmada por um conjunto de materiais maioritariamente cerâmicos. Entre estes, destacam-se as ânforas, pertencendo três (Fig. 13, n.º 25, 26 e 27) ao Tipo 1 do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta 2014), duas a uma forma de transição entre os Tipos 1 e 3 (Fig. 13, n.º 24 e 28), uma do Tipo 3 da mesma tipologia (Fig. 13, n.º 29) e uma outra do Tipo 5 (Fig. 13, n.º 30).

No que se refere ao fabrico, o exemplar do Tipo 5 apresenta características que o aproximam do que foi considerado uma produção de Porto de Sabugueiro (Sousa e Pimenta 2014) e todos os restantes, independentemente do tipo específico, parecem ter sido importados da foz do Estuário do Tejo. Estas ânforas são as mais características da Idade do Ferro da região, estando presentes em todos os sítios da foz e dos cursos médio e superior de ambas margens, podendo ainda acrescentar-se que os modelos em que se inspiram são, pelo menos originalmente, fenícios ocidentais. Tratando-se de materiais recolhidos à superfície, e, portanto, destituídos de contexto, torna-se difícil uma avaliação da cronologia para qualquer um dos exemplares em análise. Como sabemos, o fabrico do Tipo 1 deve ter-se iniciado, pelo menos, no século VII a.n.e. (Sousa & Pimenta 2014), mas perdurou até ao IV/III a.n.e., de acordo com os dados do Cabeço Guião, no Cartaxo (Arruda *et al.* 2017). O início da produção do Tipo 3 foi situado no século VI a.n.e., tendo subsistido até ao século IV/III a.n.e. (Sousa & e Pimenta 2014). Para o tipo 5 não foi possível adiantar qualquer datação em concreto, dadas as circunstâncias de recolha da totalidade de exemplares que o integrem, tendo sido até ao momento identificado apenas no sítio do Porto do Sabugueiro (Sousa & e Pimenta 2014). As asas têm perfil circular ou oval com sulco mesial, podendo ter pertencido a qualquer dos tipos definidos (Fig. 13, n.º 31 e 32). Ainda assim, as últimas podem ser mais tardias (séculos V a III a.n.e.).

O conjunto cerâmico engloba ainda dois fragmentos de asas bífidas, que devem ter pertencido a *pithoi*, não sendo possível avançar muito mais acerca dos vasos a que terão pertencido, (Fig. 13, n.º 33 a 34). Pode adiantar-se, contudo, que as características intrínsecas que evidenciam, concretamente serem bífidas, obriga a considerar uma datação da I Idade do Ferro (séculos VII/VI a.n.e.). A presença de *pithoi* nos sítios orientalizantes peninsulares, em geral, e nos do Estuário do Tejo, em particular, é uma constante, parecendo inútil a sua enumeração exaustiva. Como exemplos significativos, citem-se os de Lisboa e os de Santarém (Arruda 1999-2000), e, pela proximidade geográfica, os da Eira da Alorna (Pimenta *et al.* 2018), do Alto dos Cacos (Sousa *et al.* 2016/2017) ou do Alto do Castelo (Arruda *et al.* 2014).

No grupo da cerâmica de armazenamento cabem ainda dois bordos, de perfil em S, que terão pertencido a potes (Fig. 13, n.º 35 e 36). O seu amplo diâmetro indicia a sua pertença a vasos de dimensões apreciáveis, mas fechados, formas que se documentam igualmente em todos os sítios sidéricos da região, e não só, sobretudo em contextos atribuíveis à 2ª Idade do Ferro (século V a III a.n.e.) (Sousa 2014).

A cerâmica cinzenta está representada por cinco fragmentos. Dois pertencem a tigelas de bordo engrossado (forma 1Aa do estuário do Tejo - Sousa 2014) a forma mais comum nesta categoria, e que é transversal a toda a Idade do Ferro peninsular, quer do ponto de vista geográfico quer do cronológico (Fig. 14, n.º 37 e 38). Registe-se, porém, o que resta da decoração incisa na superfície interna de uma delas, que parece ser ter feito parte um pentagrama (Fig. 14, n.º 37). As estrelas de cinco pontas são frequentemente gravadas em vasos de cerâmica cinzenta, concretamente tigelas de bordo engrossado, havendo abun-

dantes exemplos na Extremadura espanhola, concretamente na necrópole de Medellín (Llorio 2008: 762, Fig. 849). No litoral português, podemos chamar à colação o exemplo de Abul B (Mayet & Silva 2000: 210, Fig. 79, n.º 108), sítio de fundação oriental localizado, na margem direita do estuário do Sado, e também o da necrópole de Vale da Palha, em Sesimbra (Arruda & Cardoso 2015: 307). O outro fragmento de tigela do tipo 1Aa exhibe também uma marca incisa triangular na superfície externa, ainda que esta seja de difícil leitura (Fig. 14, n.º 38). Um outro exemplar que mantém a mesma morfologia geral dos vasos anteriores distingue-se por exhibir um bordo bem assinalado na zona exterior (Fig. 14, n.º 39).

Um outro fragmento (Estampa 14, n.º 41) pode também ser incluído na categoria das tigelas, apesar da sua dimensão ser mais reduzida do que é habitual. O bordo é em bisel, e na parede externa é visível uma canelura larga que o separa do corpo através de um ressalto. Recolhe paralelo formal na Alcáçova de Santarém (Sousa e Arruda 2018: Fig. 13, n.º 8; Fig. 16, n.º 113).

Mais raro é o prato (Fig. 14, n.º 40) de bordo evertido e fundo interno separado do corpo através de ressalto. No que se refere ao bordo, e nesta categoria, o paralelo mais próximo é o da Travessa do Chafariz d'el Rei (Filipe *et al.* 2014: fig. 10 – n.º 6), que infelizmente foi recuperado em níveis que não permitem atribuir-lhe qualquer cronologia segura. As características do fundo interno, delimitado por um ressalto bem marcado é conhecido na necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (Gomes 2016: Estampa XXIX, n.º 378), sendo, no entanto, muito mais comum em produções de engobe vermelho, na área do estuário do Sado, como é também o caso do espaço funerário anteriormente citado (*Ibidem*: XXXIV, n.º 450 e 452) e de Abul B (Mayet & Silva 2000: 208: Fi. 77, n.º 89), datado do século V a.n.e., ainda que nestes casos este elemento seja mais bem marcado. Estas circunstâncias, bem como as próprias características de fabrico (pasta dura, muito depurada, superfícies bem alisadas e paredes consideravelmente finas) permitem avançar para uma cronologia relativamente tardia dentro da Idade do Ferro, talvez da 2ª metade do milénio a.n.e., não sendo ainda claro se poderá ou não integrar produções do período romano-republicano.

Designámos por cerâmica de engobe vermelho dois dos fragmentos recuperados no local. Um deles exhibe um bordo largo e aplanado, apesar de o engobe, pouco aderente e muito mal conservado e de tonalidade avermelhada, ter sido aplicado na superfície externa (Fig. 14, n.º 42). Este facto separa-os dos seus congéneres “clássicos”, frequentes no contexto regional, em todos os sítios com esta cronologia de ocupação. O outro fragmento corresponde a uma tigela de perfil semi-hemisférico, estando o engobe conservado na zona interna, sendo uma forma já documentada em Lisboa, concretamente entre o século VI e V a.C. (Sousa, 2017), (Fig. 14, n.º 43).

Incluímos na categoria de cerâmica utilitária dois cossoiros (um completo e um fragmento de outro). Ambos foram cozidos em ambiente redutor, o que justifica a cor cinzenta das suas superfícies, possuindo diâmetros idênticos, entre os 4,5 cm e os 4,7 cm (Fig. 15, n.º 44 e 45). Apresentam perfil cónico, cabendo, assim, no tipo C de Teresa Pereira (2013).

Estes artefactos são frequentes em contextos sidéricos em geral, sendo muito bem conhecidos na região, concretamente em Porto de Sabugueiro, onde os nossos exemplares recolhem bons paralelos formais e tecnológicos (Pereira 2016/2017).

Entre os espólios que foram recolhidos no sítio e que atribuímos, ainda que com algumas reservas, à Idade do Ferro conta-se ainda um conjunto de sete contas de colar de

vidro azul opaco, de perfil geral anelar (Fig. 15, n.º 46 a 51 e fig. 16). Trata-se da forma mais comum neste tipo de artefacto de adorno, quer na área em concreto do estuário do Tejo, muito especialmente do seu curso superior (Antunes 2000; Arruda *et al.* 2016), quer na Península Ibérica em geral. Há dados que permitem admitir uma produção regional, concretamente em Porto de Sabugueiro (Arruda *et al.* 2016), não sendo impossível pensar que sendo o conjunto em apreço é de aí originário.

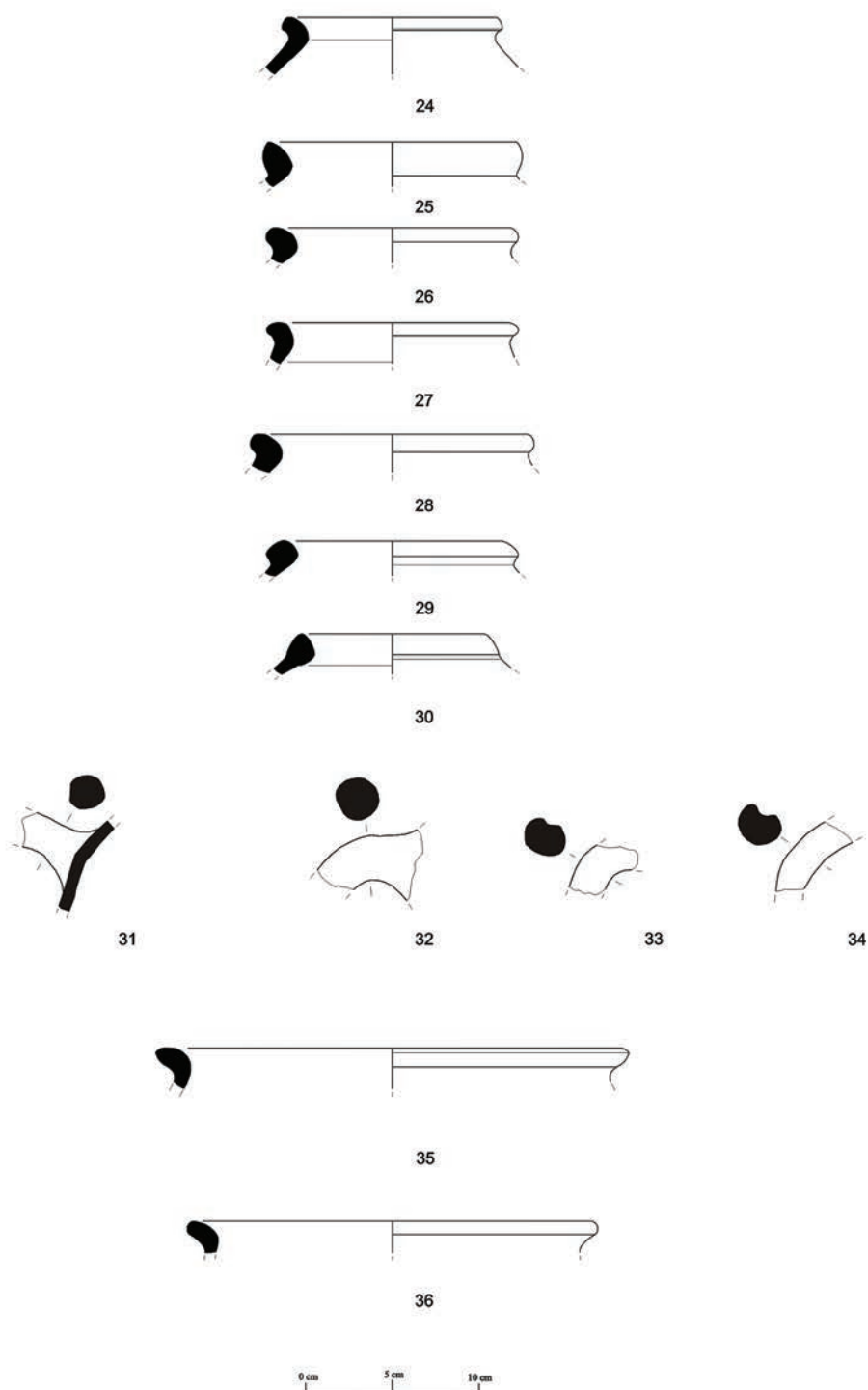
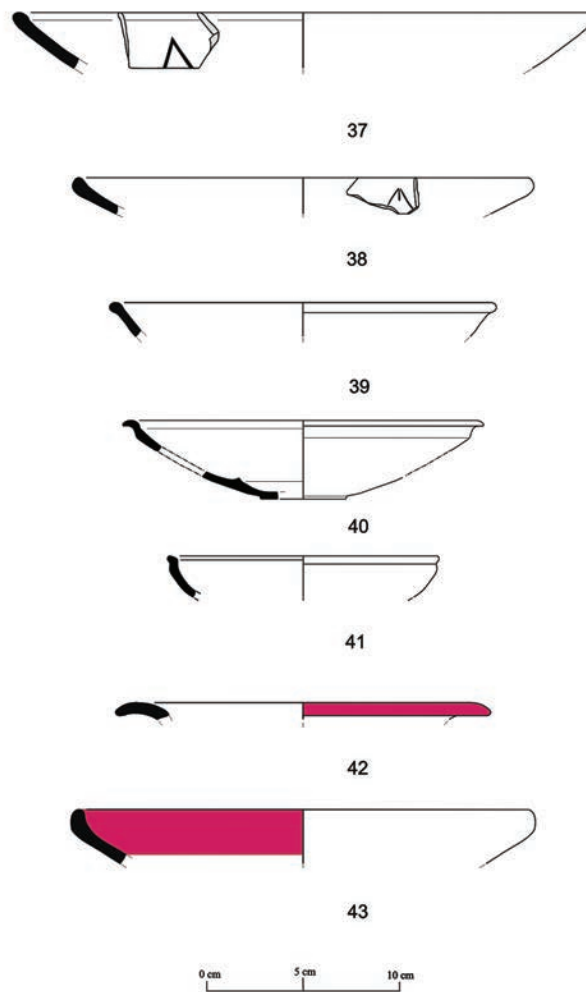


Figura 13

N.º 24 a 30 fragmentos de bocais de ânfora da Idade do Ferro; N.º 31 e 32 fragmentos de asa de ânfora; N.º 33 e 34 fragmentos de asas bífidas; N.º 35 e 36 fragmentos de bocal de *pithoi*. Desenhos de Inês Conde.

Figura 14

N.º 37 a 41 cerâmica cinzenta fina polida;
N.º 42 e 43 fragmentos de verniz vermelho.
Desenhos de Inês Conde.

**Figura 15**

N.º 44 a 45 cossoiros em cerâmica cinzenta; N.º 46 a 51 contas de colar de vidro de tom azul opaco.
Desenhos de Inês Conde.

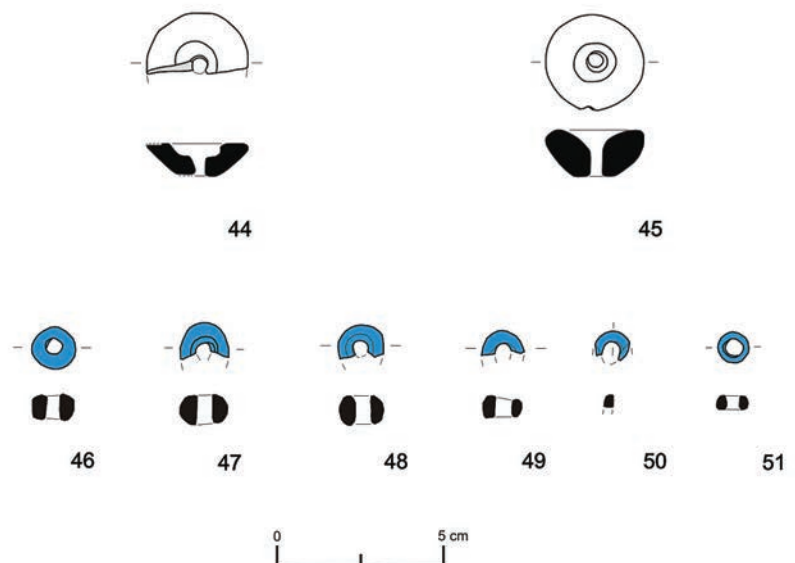
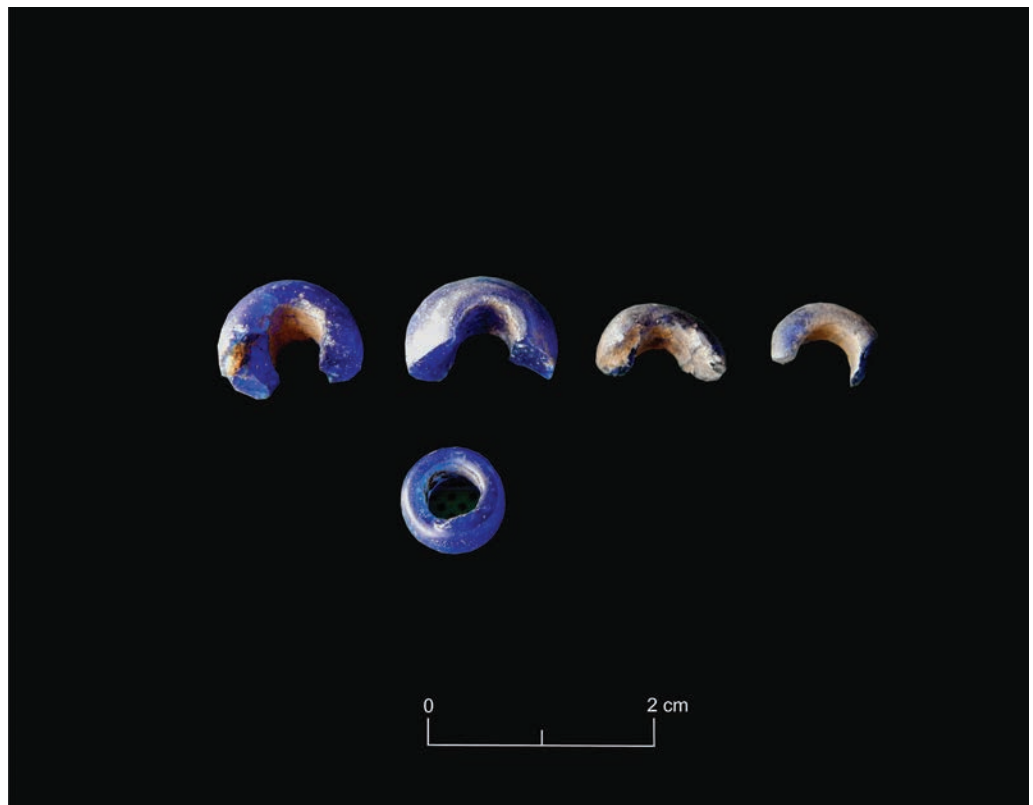


Figura 16

Conjunto de contas
de colar de vidro.
Fotografia Henrique
Mendes.



3. Outros sítios e outros materiais

Na área em que se implanta o sítio que agora apresentamos existem outros dados que, não justificando estudos individuais, merecem ser divulgados pela sua importância intrínseca (Fig. 17)

No âmbito das prospeções do projeto FETE uma visita às margens do rio Tejo em frente a Santarém, conduziu à deteção e recolha num areeiro aí existente de um bocal de ânfora pré-romana, (Fig. 17, n.º 1). Qual o contexto desta peça, não é de fácil interpretação, contudo a sua procedência será o leito do rio Tejo, de onde esta indústria explora a sua matéria-prima. Trata-se de um bordo de ânfora de tipo R1, cuja pasta evidencia uma origem malaguenha, (Fig. 18, n.º 1 e Fig. 19). A morfologia do bordo, concretamente a verticalidade da parede do lábio, e o ressalto bem marcado na ligação deste ao corpo permitem integrá-lo no tipo 10.1.1.1., o que lhe fornece uma cronologia do século VIII / VII a.n.e. Tal como em relação ao recipiente anterior este tipo concreto de contentor fenício ocidental está atestado em quase todos os sítios da Idade do Ferro orientalizante do Sudoeste peninsular, sendo, portanto, impossível, e até irrelevante, a apresentação exaustiva de paralelos. Resta-nos, assim, referir a sua presença em Lisboa (entre outros, Arruda 1999-2000; Pimenta, Sousa e Amaro 2015; Sousa e Guerra 2018), em Santarém (Arruda 1999-2000; Sousa e Arruda 2018) e no Porto do Sabugueiro (Sousa *et al.* no prelo).

Com informação igualmente escassa, temos que referir os dados que atestam uma ocupação sidérica na área da *Villa Romana da Azeitada*, (Fig. 17, n.º 2). De facto, preserva-se no Museu da Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim, alguns materiais com esta proveniência que permitem essa leitura. Destaca-se entre eles um prato de bordo largo e pendente, com a superfície interna coberta com en-

gobe vermelho, (Fig. 18, n.º 3). A sua presença a par de alguns fragmentos de asas bífidas e bocais de *pithoi*, indiciam que, tal como em Vale de Tijolos, sob a ocupação romana terá existido uma da Idade do Ferro. A morfologia do prato em análise surge em Santarém e em Lisboa, sobretudo em contextos datados em torno ao século VII e VI a.n.e. (Arruda, 1999-2000; Sousa, 2017; Sousa e Arruda, 2018).

O *oinochoé* da forma 6 do grupo mediterrâneo II de Harden (Alarcão & Alarcão 1963) terá sido recuperado numa sepultura romana localizada nos terrenos do Conde de Sobral, em Almeirim, que apenas conseguimos relacionar com a atual Quinta do Casal Branco ainda que sem uma localização certa a nível do terreno (Fig. 17, n.º 3). Sendo verdade que a datação intrínseca de esta peça de vidro se deve balizar entre os séculos IV e III a.n.e. é difícil relacioná-la com as ocupações a que nos temos vindo a referir, apesar de tal não ser completamente impossível.

A urna de tipo Cruz del Negro apareceu na sequência de trabalhos de prospeção nas margens do rio Tejo, em Benfica do Ribatejo, sem qualquer contexto arqueológico específico, visto que foi recolhida na praia (Fig. 17, n.º 4). Possui bordo evertido, de perfil triangular, colo cilíndrico, de paredes rectas, com moldura na área mesial da qual arrancam as asas, bífidas, (Fig. 18, n.º 2 e Fig. 20). Do corpo resta apenas o terço superior, que, no entanto, deixa antever uma forma oval. A superfície externa está muito degradada, não se tornando possível verificar a existências das típicas banda e linhas paralelas com que habitualmente estão decoradas. As características formais permitem integrá-la no sub-tipo 3 de Medellín (Torres Ortiz 2008: 640, podendo assim ser datada em torno à segunda metade do século VII a.n.e.. As urnas de tipo “Cruz del Negro” são um dos elementos mais característicos da Idade do Ferro orientalizante peninsular, e não só, funcionando habitualmente como urnas cinerárias. O seu aparecimento em contextos domésticos, contudo, deixa antever uma sua utilização também como vasos de armazenamento. A distribuição geográfica deste tipo de vasos é muito ampla na Península Ibérica e no próprio território actualmente português, razão pela qual nos limitaremos a referir os exemplares do estuário do Tejo, como é o caso de Lisboa (Arruda 1999-2000; Pimenta, Silva & Calado 2014; Fernandes *et al.* 2013), de Porto de Sabugueiro (Pimenta e Mendes 2008) e de Santarém (Arruda 1999-2000; Sousa e Arruda 2018).

O sítio arqueológico do concheiro mesolítico da Fonte do Padre Pedro, em Muge (Salvaterra de Magos), ofereceu em trabalhos de prospeção aí realizados nos anos noventa do século passado, alguns materiais que obrigam a considerar que este local foi habitado durante o 1º milénio a.n.e. (Batata e Gaspar, 1993), (Fig. 17, n.º 5). Infelizmente a informação disponível é escassa, resumindo-se ao material então recolhido e que se encontra depositado nas reservas do Museu de Salvaterra de Magos, da sua observação destaca-se a presença de uma asa de ânfora pré-romana e um bocal de cerâmica cinzenta fina polida correspondendo a uma tigela de bordo engrossado (forma 1Aa do estuário do Tejo - Sousa 2014).

Por último, igualmente na margem esquerda do Tejo, mas mais a Sul, já na bacia fluvial do rio Almansor, existe uma referência antiga, que tem vindo a passar despercebida nas sínteses sobre a Idade do Ferro. Trata-se da notícia da recolha de alguns materiais “Lusitano Romanos em Coruche” (Ribeiro, 1976). Este artigo publicado na Revista de Guimarães reporta-se à recolha, em Março de 1959, a cerca de 1 300 metros da vila de Coruche, no caminho da Aldeia da Erra de uma série de vasos na sequência de trabalhos agrícolas. No artigo é explícita a existência de “peças de duas épocas distintas”, entenda-se materiais pré-romanos e vasos de época Romana (Ribeiro, 1976, p. 182). Não sendo hoje possível,

pelo menos até ao momento, aceder aos materiais, baseamos a nossa interpretação dos mesmos nas fotografias disponíveis no artigo e na sua descrição. A peça representada na figura 1 do artigo supracitado corresponde a um bocal de ânfora pré-romana do tipo R1, com decoração em bandas policromas vermelha, castanha avermelhada e cinzenta, mas do qual na impossibilidade de observação direta da pasta não podemos propor uma origem (Fig. 21, n.º 1). As peças representadas na figura 2 correspondem a um fragmento de asa bífida de *pithoi*, e a uma asa de ânfora (Fig. 21, n.º 2 e 3).

Figura 17

Planta de localização de Vale de Tijolos e dos outros sítios em análise, no mapa do baixo Tejo e península de Lisboa: N.º 1 – Areeiro da Tapada; N.º 2 Quinta do Casal Branco; N.º 3 Azeitada; N.º 4 Benfica do Ribatejo; N.º 5 Fonte de Padre Pedro; N.º 6 Erra – Coruche.

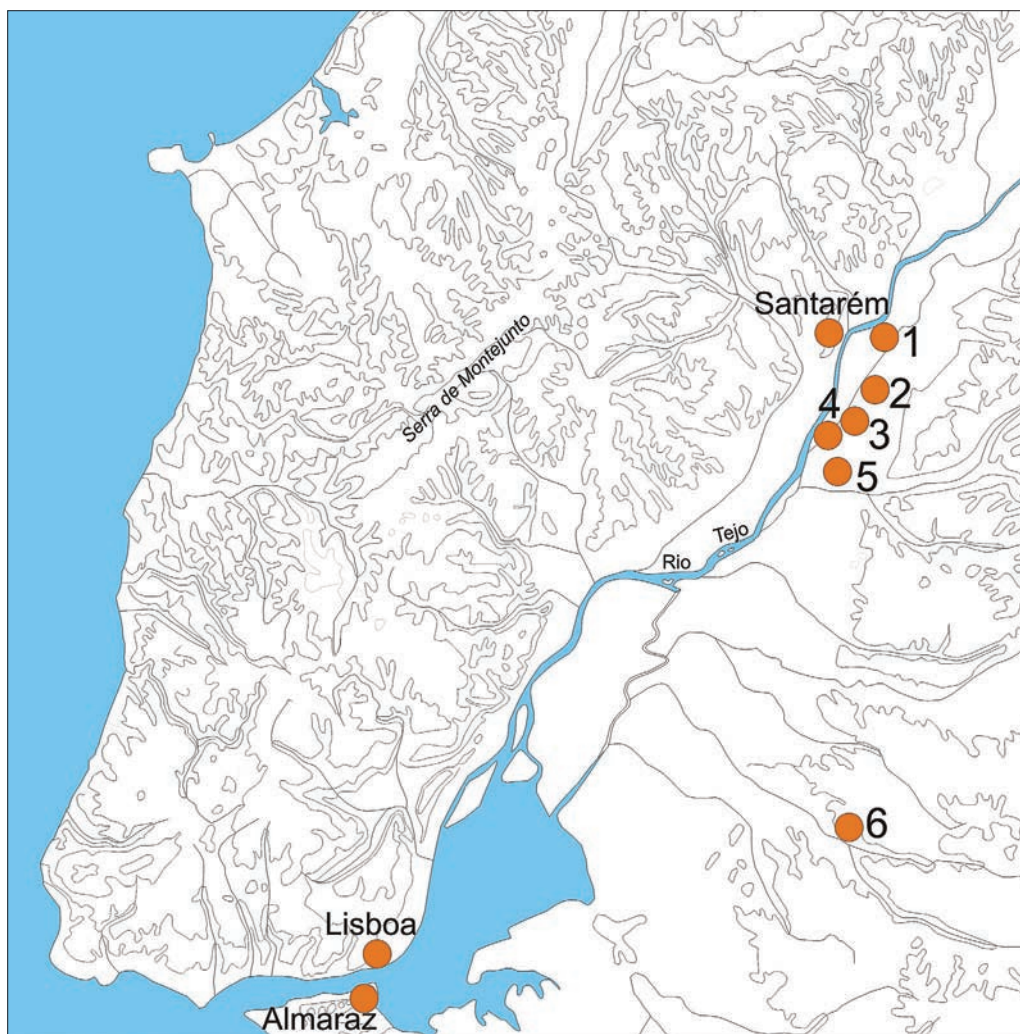
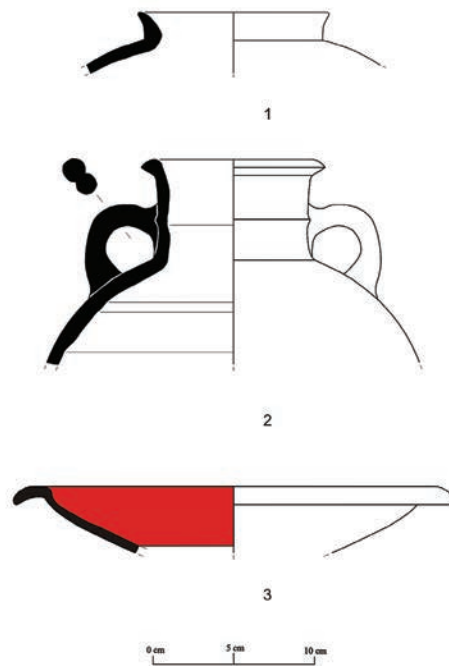


Figura 18

N.º 1 bocal de ânfora do tipo 10.1.1.1. proveniente de Tapada – Almeirim; N.º 2 urna de tipo Cruz del Negro de Benfica do Ribatejo – Almeirim; N.º 3 prato de engobe vermelho de Azeitada – Almeirim. Desenhos de Inês Conde e João Pimenta.

**Figura 19**

Bocal de ânfora do tipo 10.1.1.1. proveniente de Tapada – Almeirim. Fotografia Henrique Mendes.



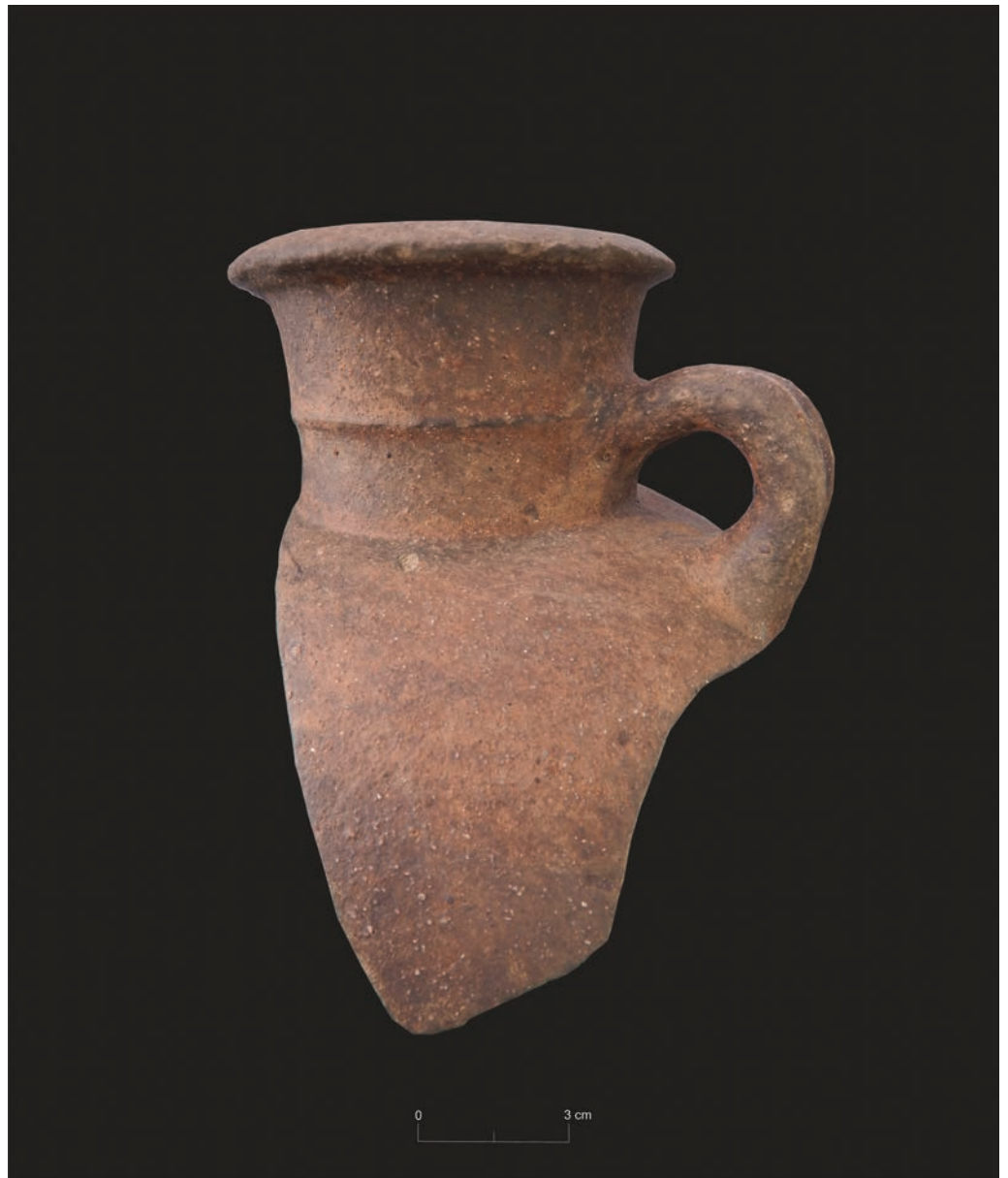


Figura 20
Urna de tipo Cruz del
Negro proveniente de
Benfca do Ribatejo –
Almeirim. Fotografia
Henrique Mendes.

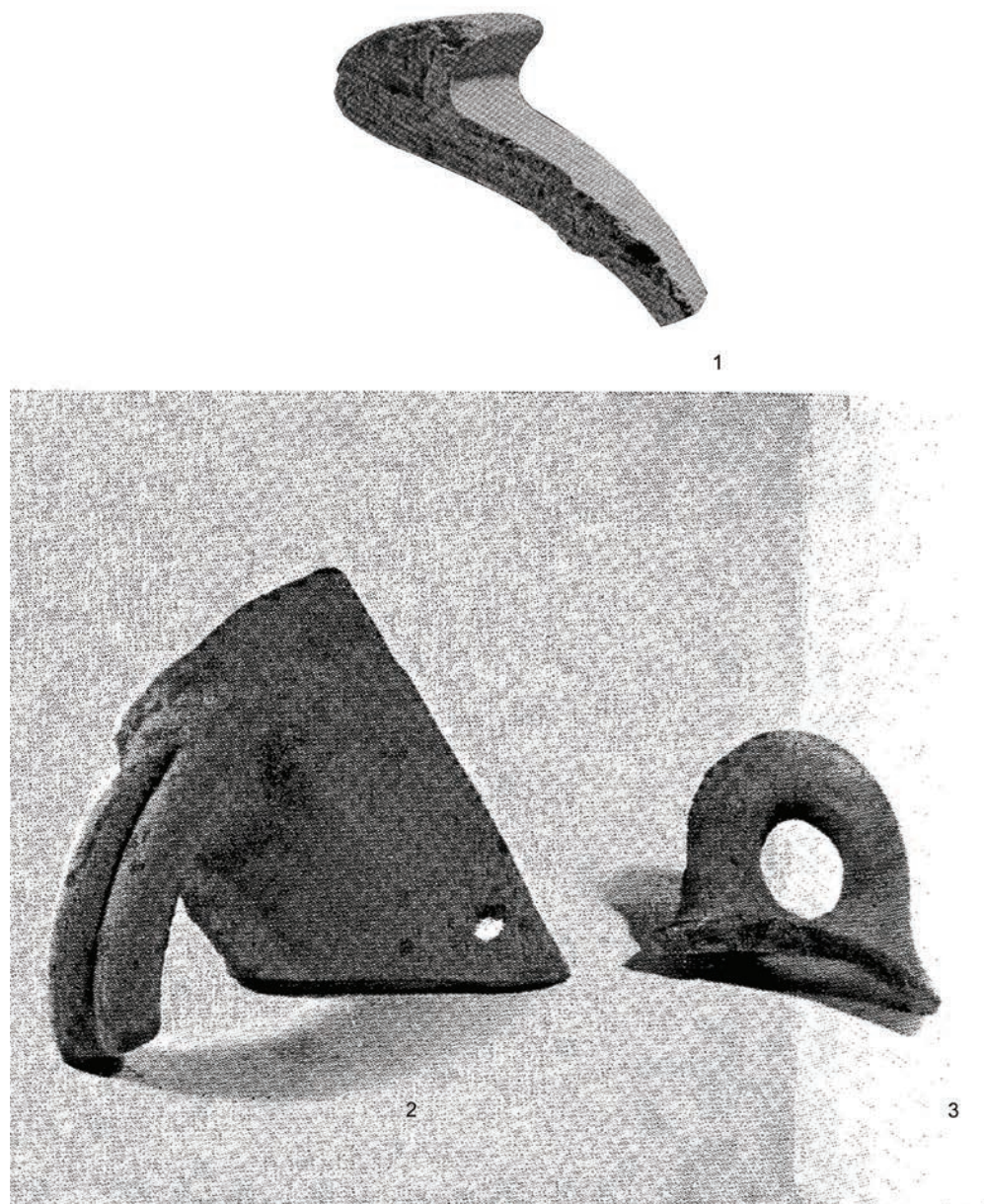


Figura 21
Materiais de
cronologia pré-
romana provenientes
da Aldeia da Erra
– Coruche, segundo
Margarida Ribeiro,
1976, p. 182, fig. 1 e 2,
modificado.

4. Breves considerações finais

Os vários trabalhos de campo efectuados na margem esquerda do estuário do Tejo em contextos diversos permitiram recuperar importantes conjuntos de materiais da Idade do Ferro, que têm vindo a ser estudados e devidamente publicados (Pimenta e Mendes, 2008; Arruda *et al.* 2014; Pimenta *et al.* 2014, 2018; Sousa *et al.* 2016/2017). A investigação desenvolvida veio evidenciar uma invulgar concentração de sítios com ocupação sidérica de tipo orientalizante nos concelhos de Alpiarça (Alto do Castelo, Cabeço da Bruxa), Almeirim (Eira da Alorna, Alto dos Cacos, Vale de Tijolos) e Salvaterra de Magos (Porto de Sabugueiro, Fonte do Padre Pedro), com diferentes tipos de implantação, uns em altura e relativamente bem destacados na paisagem, outros, mais ribeirinhos e planos. Todos estão, no entanto, localizados nas proximidades do rio e com ele devem ser relacionados. Por outro lado, a densidade do povoamento tem de ser devidamente valorizada, e a proximidade dos sítios entre si deixa antever um funcionamento em rede, em padrões que ainda não conseguimos esclarecer na sua totalidade. Parece também importante insistir na fertilidade dos terrenos onde se implantam estes sítios, fertilidade que, aliás, acabou por determinar, em grande parte, a sua destruição.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J.; ALACÃO, A. (1963) - Vidros romanos do Museu de Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 73 (1-2), p. 175-209.
- ANTUNES, A. S. (2000) Vidros romanos da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3-2, 2000, p. 153-199.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona.
- ARRUDA, A. M.; CARDOSO, J. L. (2015) – A necrópole da Idade do Ferro de Vala da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 22, p. 301-314.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C.; PIMENTA, J.; SOUSA, E.; MENDES, H.; SOARES, R. (2016) – As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *CuPAUAM*. Madrid, 42, p. 79-101.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; SOARES, R. (2014) - Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*. Salamanca, 74, p. 143-155.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; BARRADAS, E.; BATATA, C.; DETRY, C.; SOARES, R. (2017) – O Cabeço Guião (Cartaxo – Portugal): um sítio da Idade do Ferro do Vale do Tejo. In CELESTINO PÉREZ, S. e RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, E. (eds.), *Territorios comparados: los vales del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Madrid: CSIC, p. 319-361.
- BATATA, C.; GASPAS, F. (1993) – Novos dados sobre a estação arqueológica de Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *O Foral. Conselho de Salvaterra de Magos da Pré-história ao século XVIII*. Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, p. 24-34.
- CARDOSO, J. L. (2007) - As cerâmicas decoradas précampaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) - O casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. (2004) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 7:1, p. 227-271.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Bocard.
- ENCARNAÇÃO, G. C. G. da (2010) – As Cerâmicas Carenadas do povoado da Espargueira (Serra das Éguas, Amadora). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Orientado pelo Professor Doutor Victor S. Gonçalves. Policopiado.
- FABIÃO, C.; GUERRA, A.; ALMEIDA, J.; ALMEIDA, R. R.; PIMENTA, J.; FILIPE, V. (2016) - *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museo Nacional de Arte Romano de Mérida)*. Union Académique Internationale / Académida das Ciências de Lisboa. Corpus Internationale des Timbres Amphoriques (Fascicule 19). Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ).
- FERNANDES, L.; PIMENTA, J.; CALADO, M.; FILIPE, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do teatro romano de Lisboa: o Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: DGPC, p. 167-185.
- FILIPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014) - Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei. In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, Lisboa, p. 736-747.
- GOMES, F. (2016) - *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GUERRA, A.; PIMENTA, J. (2013) – Os projéteis de funda do Monte dos Castelinhos e a dispersão destes materiais no território português. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 47-58.
- HENRIQUES, EURICO (1982) – Elementos para a Carta Arqueológica do Concelho de Almeirim. Almeirim. Texto manuscrito. 19/12/82. Processo 82/1 (242) IGESPAR.
- HENRIQUES, EURICO (1987) – *Levantamento Arqueológico do Concelho de Almeirim. Almeirim*. Processo 82/1 (242) IGESPAR.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1988) - O povoamento pré-histórico de Alpiarça. *Arqueologia*, 17, p. 193-200.

- LORRIO, A. J. (2008) - Cerâmica gris, In, ALMAGRO-GORBEA, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos*. Madrid, vol. 2, p. 673-723.
- MARQUES, G.; ANDRADE, G. M. (1974) - Aspectos da proto-história do território português. 1 - Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto: Junta Nacional de Educação, p. 125-148.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) - *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: De Boccard.
- NETO, N.; REBELO, P.; CARDOSO, J. L. (2017) - O sítio Neo-Calcolítico da Travessa das Dores (Ajuda-Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma Cidade em Escavação*. Centro de Arqueologia de Lisboa – CAL. p. 25-37.
- PEREIRA, M. (2016/2017) – Os cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira, 5, p. 55-75.
- PEREIRA, T. (2013) – Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaia Monte (Monforte, Portugal). In ARNAUD, J. M., MARTINS, A., NEVES, C. (coord.), *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, p. 681-691.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11. Número 2, p. 171-194.
- PIMENTA, J.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E.; SOARES, R. (2014) – Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos. Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos. Salvaterra de Magos*, 1, p. 39-58.
- PIMENTA, J.; SILVA, R.; CALADO, M. (2014) - Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa, vol. 2, p. 712-723.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E.; AMARO, C. (2015) - Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18. Lisboa: DGPC, p. 161-180.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E.; MENDES, H.; HENRIQUES, E.; ARRUDA, A. M. (2018) – A Eira da Alorna (Almeirim): as ocupações pré e proto-históricas. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira, 9, p. 9-49.
- RIBEIRO, M. (1976) - Vasos lusitano-romanos de Coruche. *Revista de Guimarães*. Vol. 85. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 269-284.
- QUINTEIRA, A. J. F. (1996) – *Scallabis, análise contextual e perspectivas de estudo*. Dissertação apresentada à Universidade do Minho para obtenção do grau de Mestre. Policopiado.
- QUINTEIRA, A. J. F. (1997) – Estação arqueológica de Vale de Tijolos, Almeirim. In Munda. Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro. N.º 34, p. 23-30.
- SILVA, R. B. (2012) – *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em História, especialidade em Arqueologia, orientada pela Professora Dr.ª Rosa Varela Gomes, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- SILVA, R. B.; PIMENTA, J.; MENDES, H. (2017) – As «Marcas de Oleiro» na Terra Sigillata de Vale de Tijolos (Almeirim). E as dinâmicas comerciais no *Ager Scallabitanus* durante o principado. *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1205-1217.
- SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F.; VALÉRIO, P.; PIMENTA, J. (2015) - Composição elementar de artefactos metálicos de Vale de Tijolos e da Eira da Alorna (Almeirim): A metalurgia do Bronze Final no território nacional. *CIRA Arqueologia*. N.º 4. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 11-18.
- SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Estudos e Memórias 7. Lisboa: UNIARQ.
- SOUSA, E. (2017) - A cerâmica de engobe vermelho de Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação*. Lisboa: Câmara Municipal e Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 212-221.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2018) - A I Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém (Portugal): os resultados da campanha de 2001. *Onuba*. Huelva, 6, p. 57-95.
- SOUSA, E.; GUERRA, S. (2018) - A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valência, 50, p. 57-88.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2014) – A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In MORAIS, R., FERNÁNDEZ, A., SOUSA, M. J. (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1, p. 303-316.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M. (2016/2017) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira, 5, p. 9-32.

- SOUSA, E.; PIMENTA, J.; SILVA, I.; MENDES, H.; ARRUDA, A. M.; DORADO ALEJOS, A. (no prelo) - Ânforas da Idade do Ferro e de tradição pré-romana do Porto do Sabugueiro (Muge, Portugal).
- TORRES ORTIZ, M. (2008) – Urnas de Tipo Cruz del Negro. In ALMAGRO-GORBEA, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia. p. 631-654.
- VASCONCELOS, F. de (1923) - Alguns subsídios para uma monografia de Almeirim. *Correio da Estremadura*, N.º 1672 de 23 de Fevereiro de 1923
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J.; GONÇALVES, A. A. H. B. (1999) - A necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*, 38, p. 5-29.